

A CRIANÇA E SEU CORPO-UMA LINGUAGEM DESPERCEBIDA NA ESCOLA

Tania Brasileiro -Unir/Brasil
Universidad Federal de Rondônia (Unir)

Quando falamos em corpo logo nos vem a mente a massa orgânica da qual ele é formado; se acrescentarmos valores sociais que o meio dá a este corpo e a certas de suas partes, ele termina por ser investido de significações, de sentimentos e de valores muito particulares e absolutamente pessoais. É importante que não nos esqueçamos de que *“Todas as emoções pertencem ao corpo e a nossa mente apenas as reconhece”*. O corpo é o veículo de comunicação de cada ser humano com o meio exterior e portanto, devemos procurar conhecê-lo, explorá-lo e mesmo entender suas limitações, tentando assim, superar a facilidade de imitar os outros e grande dificuldade de sermos nós mesmos.

Segundo Marcel Mauss, no livro *Les Techniques du Corps*, “o corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina. E, no que ensina o corpo, nele se expressa: no andar, dormir, dançar, nos gestos, postura das mãos, no jeito de olhar”. O que fica evidenciado aqui é que as atividades corporais são produto de origem cultural.

Nesta perspectiva, a psicologia contemporânea, apesar de comportar uma pluralidade de enfoques teóricos e uma grande variedade de métodos de investigação sobre a “constituição humana”, tende a admitir que as características de cada indivíduo não são dadas *a priori*, nem tampouco determinadas pelas pressões sociais. Elas vão sendo formadas a partir das inúmeras e constantes *interações do indivíduo com o meio*, compreendido como contexto físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural.

Nesse processo dinâmico, ativo e singular, o indivíduo estabelece, desde o seu nascimento e durante toda sua vida, trocas recíprocas com o meio, já que, ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém no universo que o cerca. A teoria histórico-cultural elaborada por Vygotsky, também conhecida como abordagem sócio-interacionista ou sócio-histórica, se insere neste paradigma. Fiel às teses do marxismo dialético, ele concebe *a cultura, a sociedade e o indivíduo* como sistemas complexos e dinâmicos, submetidos a ininterruptos e recíprocos processos de desenvolvimento e transformação. Sendo assim, considera fundamental analisar o desenvolvimento humano em seu contexto cultural.

As características do funcionamento psicológico assim como o comportamento de cada ser humano são, nesta perspectiva, construídas ao longo da vida do indivíduo através de um processo de interação com o seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes». Cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana». (Leontiev, 1978, p.267).

O desenvolvimento individual não é visto, portanto, como resultante de uma «propriedade» ou “faculdade” primitivamente existente no sujeito (definidas por razões divinas ou biológicas), nem como puro reflexo de condicionamentos externos, não é imutável e universal, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana.

A cultura é, neste paradigma, parte constitutiva da natureza humana, já que a formação das características psicológicas individuais se dão através da internalização dos modos e atividades psíquicas historicamente determinados e culturalmente organizados. Ao mesmo tempo que internaliza o repertório social, o sujeito o modifica e intervém em seu meio. Neste processo bidirecional de influências, o indivíduo é capaz, inclusive, de renovar a própria cultura.

É importante sublinhar que *a cultura* não é, portanto, pensada por Vygotsky como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de ‘*palco de negociações*’, em que seus membros estão num constante movimento de recriação e interpretação de informações, conceitos e significados. Ele esclarece que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta. São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, assim como todos os elementos presentes no ambiente humano impregnados de significado cultural, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo.

A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana que permitem a comunicação entre os indivíduos, o estabelecimento de significados comuns aos diferentes membros de um grupo social, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante.

Se pararmos para pensar (será que precisamos antes ter em mente algum tipo de linguagem já pré-estabelecida?), veremos que o homem, ao se movimentar, está assumindo uma forma de linguagem que tem ou não objetivo de comunicar algo. O que caracteriza uma linguagem comunicativa é a intenção da ação exercida pelo corpo. Na medida que realizamos algum movimento que tenha significado universal, passa a ser uma linguagem não verbal. Desde o nascimento, que o ser humano já utiliza seu corpo como veículo para uma linguagem não verbal, com o objetivo de traçar relação comunicativa com o ente materno, como forma de manifestar sua existência. A partir do momento que o feto se faz presente no ventre da mãe (através de movimentos esporádicos, que, com o tempo, apresenta movimentação constante e intensa, portanto, mais expressiva), que a criança assume uma linguagem própria.

É através dessa linguagem corporal, que tem início dentro do corpo da mãe, que a criança poderá vir a estruturar sua personalidade, promovendo trocas com o meio ambiente e construindo sua forma de ler o mundo e de entender a si mesma. Esse primeiro contato é carregado de emoção e possui valor afetivo intenso, que será o desencadeador das ações posteriores diante do inesperado.

Para Vayer (1985): “Se a ação corporal é o princípio de todo conhecimento, não importa qual tipo de ação, é preciso que ela seja a realização de uma intenção; na ação, qualquer que seja seu objetivo, implica no uso de seu corpo, e este uso se faz, obrigatoriamente, num contexto espaço-temporal; não somente o corpo é a origem de todo conhecimento, mas é igualmente o meio de relação e de comunicação com o mundo exterior. Entretanto, o corpo só pode se diferenciar como instrumento funcional e como meio de relação quando suas propriedades e seus limites foram conscientemente experimentados”. Nesta referência, percebe-se que qualquer que seja a orientação da ação, isto é, da significação que toma num dado momento para a criança, como para o adulto, implicando na comunicação, *o corpo é a referência permanente*. Ele subentende a presença no mundo, ele é a verdadeira presença.

Para que uma pessoa se exprima enquanto corpo, que realiza mais livremente seus próprios desejos, é necessário que ela cresça não em sua individualidade absoluta, mas em suas relações com os outros e o mundo. O

corpo humano não pode ser independente de suas relações. O corpo compreendido isoladamente da sociedade e da natureza é um corpo abstrato, enfim, de suas circunstâncias.

Vygotsky, também chama à atenção para o *importante papel mediador exercido por outras pessoas nos processos de formação dos conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos comportamentais de cada sujeito*. De acordo com ele, o desenvolvimento individual é sempre mediado pelo outro (entendido como outras pessoas do grupo social), que indica, delimita e atribui significados à realidade.

O autor explica que é por intermédio dessas mediações que os membros imaturos da espécie humana vão paulatinamente se apropriando, de modo ativo, dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados, estes processos passam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas. Desse modo, a atividade que antes precisou ser mediada — regulação interpsicológica — passa a constituir-se um processo voluntário e independente — regulação intrapsicológica (Vygotsky, 1984 e 1987).

Segundo Vayer, o passar da linguagem corporal (que ele chama de *linguagem da ação*) para outras formas de linguagens convencionais, assume uma trajetória baseada nos mesmos princípios defendidos por Vygotsky, conforme podemos perceber na citação abaixo:

“A primeira linguagem, a linguagem do corpo constituindo um dado imediato, possui, pois, um duplo significado: um significado afetivo, o das atitudes e do contato, e um significado semântico, o da ação corporal. Dessa linguagem do corpo que constitui a base de todas as comunicações humanas vão progressivamente emergir e se desenvolver trocas cada vez mais socializadas que se exprimem através de meios cada vez mais operacionais. Assim, durante suas intenções com o objeto, a criança vai descobrir o instrumento que risca e que o risco é algo diferente da ação. Essa descoberta leva a criança a experimentar e exercer a linguagem gráfica, que permite expressar as formas, as cores, os primeiros conhecimentos.

Essa linguagem gráfica possui igualmente um duplo significado: afetivo, a cor, e semântico, o traço.

Ao mesmo tempo em que a criança se comunica corporalmente com as pessoas e objetos que constituem seu mundo, a linguagem verbal, que inicialmente era um fundo sonoro, uma música ambiental, vai sendo reconhecida como tendo significados. A criança vai exercer suas próprias potencialidades antes de ser capaz, por sua vez, de se expressar verbalmente. Como todas as linguagens humanas, a linguagem verbal tem dois significados: um afetivo, a tonalidade da

palavra, e um significado semântico, o sentido e a organização das palavras em sequência na frase; bem entendido, os dois significados estão estreitamente intrincados e sua compreensão está ligada à comunicação que se estabeleceu no plano tônico do gesto.

Finalmente, em conformidade com a sociedade e com sua cultura, a criança vai ser obrigada a integrar as linguagens escritas, baseadas no modelo linguístico e no modelo lógico-matemático, ao mesmo tempo em que será ajudada ou reprimida na descoberta da linguagem musical, a linguagem da expressão corporal". (Vayer, 1985: 34,3).

Como o próprio autor aborda acima, *o corpo* é o foco central da aprendizagem e serve de elo entre a criança, que é o aluno, e o objeto, que são as coisas externas a ela. Essas coisas fazem parte do seu mundo, ajudando-a, ou não, na elaboração de seu esquema corporal, conseqüentemente, das linguagens estabelecidas pela cultura e pela sociedade.

Nesta reflexão que faço sobre "A Criança e seu Corpo- Uma Relação Despercebida na Escola", *a Linguagem Corporal* é defendida como sendo a maneira mais direta e simples do ser humano se comunicar, sem falar na carga emotiva, sensitiva e mesmo amorosa de emitir qualquer mensagem; o corpo é a própria representação simbólica do homem no mundo, portanto, o canal mais direto para transmitir sentimentos, desejos e pensamentos.

Ao considerar a linguagem corporal como centro do processo ensino-aprendizagem, estou querendo afirmar a necessidade de respeitar o corpo, que é o próprio aluno no ato de aprender a aprender. É na troca com o outro e com o meio que crescemos e somos capazes de estruturar nosso EU. A linguagem corporal tem papel essencial na construção da personalidade e se faz necessária dentro do currículo escolar. É importante ressaltar que ela não seja apresentada e permitida expressar-se como algo isolado, que aconteça desvinculado do contexto da sala de aula.

É importante ressaltar que o processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vygotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano, pois, ao internalizar essas experiências, *a criança e o adolescente* reconstróem individualmente os modos de ação realizados externamente e aprendem a organizar os próprios processos mentais, a controlar e dirigir seu comportamento (autogoverno) e a agir neste mundo. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em mediadores externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (idéias, valores, imagens, representações mentais, conceitos etc.).

Com base nas perspectivas esboçadas, *o aprendizado* pode ser visto como um aspecto imprescindível no desenvolvimento das características psicológicas típicas do ser humano, já que as conquistas individuais resultam de um processo compartilhado com pessoas e outros elementos de sua cultura. Assim, *a palavra aprendizagem refere-se ao processo ensino-aprendizagem que abrange aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre os dois*. Entretanto, esta noção não se refere necessariamente a situações em que haja um educador fisicamente presente. A presença do *outro social* pode se manifestar por meio dos objetos, da organização do ambiente, dos significados que impregnam os elementos do mundo cultural que rodeia o indivíduo. Dessa forma, a idéia de 'alguém que ensina' pode ser concretizada em objetos, eventos, situações, modos de organização do real e na própria linguagem, elemento fundamental nesse processo.

Quanto à Educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral), podemos afirmar que cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. *A escola* passa a representar um dos elementos imprescindíveis para a realização daqueles que vivem numa sociedade letrada, já que, neste contexto, as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus *próprios* processos mentais.

No ambiente escolar, as atividades desenvolvidas são extremamente importantes e complexas, possibilitando novas formas de pensamento, comportamento, inserção e atuação da criança em seu meio. Acreditamos que somente atividades que se dediquem a pensar e viver o corpo e, que se proponham a modificar as regras que inibem a *consciência corporal*, dificultarão a manipulação desse corpo no qual o homem vive.

Partindo desse princípio, é que proponho uma abordagem metodológica de intervenção teórico-prática, que tem como objetivo despertar, através de um trabalho crítico, um corpo consciente, que venha a travar com seu meio uma ação dialética de vida.

A metodologia aqui sugerida busca facilitar a descoberta de si mesmo, do outro e suas relações no processo ensino-aprendizagem. Utilizo palavras geradoras (temas) como recurso auxiliar na aplicação das *Técnicas de Dinâmica de Grupo* - ferramentas de trabalho no desafio de sensibilizar os profissionais envolvidos com o Contexto Educacional quanto à sua participação na construção de um sociedade mais justa e humana.

Algumas dessas técnicas, criadas por mim após vários anos de trabalho e investigação dentro da escola e na universidade, têm como foco central, ini-

cialmente, a reflexao sobre “*o que é seu corpo para você ?*” (num contexto individual e social). Atráves da exteriorizao das emoções, nos permitindo entrar em contato com nossos sentimentos, limites já internalizados e,ao mesmo tempo, com nosso potencial criativo, inovador, que é a própria criança que está em todos nós, ficamos mais disponíveis para o *Desafio de Ensinar a Aprender a Aprender*.

“O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado” (Paulo Freire, 1993:28).

BIBLIOGRÁFIA

- ARROYO, M.G.(1995): Educao e exclusao da cidadania. In BUFFA, E.; ARROYO, M.A.; NOSELLA, P. *Educao e cidadania: quem educa o cidadao?*. 5ª ed., Sao Paulo: Cortez, pp.33-79.(Col. Questoes da Nossa Época,v.19).
- BOTANSKI, Lue (1984): *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal.
- FREIRE, P. (1993): *Professora SIM tia NAO : cartas a quem ousa ensinar*.Sao Paulo: Olho D'água.
- (1997). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*.
- LEONTIEV, A. (1978): *O desenvolvimento do psíquismo:um processo sócio-histórico*.Sao Paulo: Scipione.
- VAYER, P. (1982): *A criança diante do mundo: Na idade da aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VAYER & TOULOUSE (1985): *Linguagem Corporal:A estrutura e a sociologia da açao*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VYGOTSKY, L.S. (1977): *Pensamento e linguagem*. Sao Paulo: Martins Cortez.
- (1984): *A formação Social da mente*. Sao Paulo: Martins Cortez.